



PROFESSOR DOUTOR JOÃO CALVÃO DA SILVA

Retrato exposto na Sala do Conselho Científico da
Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra



ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR DO
DOUTOR JOÃO CALVÃO DA SILVA

RUI DE FIGUEIREDO MARCOS



SENHOR CHEFE DA CASA CIVIL DA PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA, EM REPRESENTAÇÃO DE SUA
EXCELÊNCIA O SENHOR PRESIDENTE DA
REPÚBLICA

SENHOR MINISTRO DA ADMINISTRAÇÃO
INTERNA, EM REPRESENTAÇÃO DO GOVERNO
DE PORTUGAL

EXCELENTÍSSIMAS AUTORIDADES POLÍTICAS,
ACADÉMICAS, MILITARES E ECLESIASTICAS

EXCELENTÍSSIMOS FAMILIARES DO SENHOR
DOUTOR JOÃO CALVÃO DA SILVA, A QUEM
APRESENTO SENTIDAS CONDOLÊNCIAS NA
PESSOA DA GENTILÍSSIMA SENHORA
DR.^A ANA MARIA CALVÃO DA SILVA

SENHOR PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO
ENGENHEIRO ANTÓNIO DE ALMEIDA

SENHOR CAPELÃO DA UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

SENHORES DOUTORES

SENHORES ESTUDANTES

SENHORAS E SENHORES

Ao olhar em redor, lançando a vista ávida de tudo ver sobre as pessoas e as coisas que nos vão cercando, o cenário deste mundo surge assustadoramente escorregadio e passageiro. O tempo que nos é oferecido corre e esgota-se. Desce do alto por escarpas cada vez mais inclinadas até se precipitar num vale de um silêncio imenso e de uma doce paz sem fim. O Doutor Calvão da Silva perdeu em vida deste mundo o que acrescentou em eternidade.

Mostram-se incontáveis as vezes que, depois de um dia fadigoso, disse um adeus alegre e descontraído ao Doutor Calvão da Silva nas imediações da Porta Férrea. Agora, encontro-me nesta circunstância lúgubre e com vincos fundos na face, para proferir o último e excruciante adeus ao Mestre e ao Amigo que foi o Doutor João Calvão da Silva.

Em representação do Excelso Senhor Reitor da Universidade de Coimbra e na condição de Director da Faculdade de Direito de Coimbra, cumpro um nobilíssimo preceito académico. Aquele que manda retratar em imagens expressivas, que não fúnebres e não fugitivas, a figura de um professor da Universidade de Coimbra, de um professor da nossa esbelta Faculdade de Direito que acabou de fazer aquela viagem de onde não há regresso.

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR
DO DOUTOR JOÃO CALVÃO DA SILVA

Se a tristeza falasse, ela faria por mim todo o discurso. É certo que a mais triste das tristezas se expressa através das lágrimas. Representa o puro destilado da dor. Talvez até os choros mais chorados sejam aqueles que os olhos vertem calados. Mas as lágrimas, vertidas ou sufocadas, torrenciais ou furtivas, não constituem forma discursiva protocolar em orações académicas fúnebres.

SENHORAS E SENHORES

Pinta-se a morte, em visões de profetas e de acordo com o Padre António Vieira, com uma foice segadora na mão direita e um relógio com asas na mão esquerda. Prolongando o eco sublime de Vieira, numa hora lúgubre para todos nós, resolveu a morte tirar as asas do relógio da mão esquerda e passou à foice da mão direita, porque é mais apressada a foice da morte em cortar do que o relógio da vida em correr.

Em relação ao Doutor João Calvão da Silva, lastimamos a violência apressada da foice e deploramos a lentidão do relógio da vida em fugir-lhe.

Nesta belíssima Capela de S. Miguel, volta a pairar a sensação de que tudo parou. Tudo emudeceu. Tudo se derribou. É a formidável majestade da morte coroada pela comovente majestade da quietude.

Implacável e desapiedado, o desaparecimento precoce do Doutor João Calvão da Silva deixou desolada a família. Inconsoláveis os Colegas. Saudosos os Amigos. Penalizados os discípulos. Empobrecida a nossa Faculdade, amputada, desde logo, de uma das suas figuras de proa no plano institucional, uma vez que o Doutor Calvão da Silva desempenhava o cargo cimeiro de Presidente da Assembleia de Representantes.

SENHORAS E SENHORES

A pátria do Homem é a sua infância. Há uma pintura viva que, a pouco e pouco, se vai compondo e que não sai sem levar consigo o todo.

Originário das terras de Montalegre, João Calvão da Silva nasceu numa família em que o sol marcava a cadência das fadigas diárias. Já conhecedor das letras primeiras, recebeu, entre os

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR
DO DOUTOR JOÃO CALVÃO DA SILVA

doze e os dezasseis anos, uma cuidada formação cristã no Mosteiro de Singeverga, tendo a vida religiosa no horizonte. Em 1968, passou a frequentar o Colégio de Lamego.

Rumou depois à Universidade de Coimbra, ao alvorecer da década de setenta do século xx. Coimbra reteve-o e seduziu-o, ao ponto de nunca ter revelado tenção de a deixar, mau grado as tentações que sobre ele caíram de se transferir para outras paragens em que o deslumbre se agiganta e em que as luminárias viçosas e as ilusões se mesclam e se acastelam.

Com uma brilhante classificação, licenciou-se em 1975. Concluiu, volvida mais de uma década, em 1986, o Curso de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas, alcançando a nota máxima. Em 1990, obteve o Doutoramento em Direito Civil coroado por louvores unânimes e, em 1997, fez concurso para professor associado. Após esta longa escalada, Calvão da Silva guindava-se, finalmente, ao cume do *cursus honorum*, em 2003, na condição de Professor Catedrático da Faculdade de Direito de Coimbra.

Em perseverante ascensão e a cadência certa, subiu Calvão da Silva, degrau a degrau, a árdua colina académica, apressando-se lenta-

mente, como é timbre da Faculdade de Direito de Coimbra.

SENHORAS E SENHORES

Sem hesitar, Calvão da Silva, mal dobrados os trinta anos, acompanhou o seu Mestre por excelência, o Doutor Carlos Alberto da Mota Pinto, ao palco do IX Governo Constitucional. Era então Mota Pinto Vice-Primeiro Ministro. Não admira, pois, que João Calvão da Silva, em testemunho de uma dilecta confiança, se visse guindado ao posto de Secretário de Estado Adjunto do Vice-Primeiro Ministro. Aí permaneceu entre 1983 e 1985.

A Faculdade de Direito de Coimbra forja, não raro, elos indestrutíveis entre Mestre e discípulo. Não raro, também, em certas circunstâncias mais exigentes, o discípulo segue o seu Mestre, esquecendo-se de si próprio e colocando a sua carreira académica em estado de suspensão. Foi precisamente o que aconteceu com João Calvão da Silva durante o período em que estanciou no governo na década de oitenta do século xx.

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR
DO DOUTOR JOÃO CALVÃO DA SILVA

No fundo, trata-se apenas de uma das faces da natureza universitária que concita a uma poderosa comunhão de almas. Ousaria dizer que Mestre e Discípulo tendem a congregar em si mesmos um florilégio espelhado de virtudes que vai ressaltando aqui e acolá. Quando se encontra, em lance de fortuna, um verdadeiro Mestre, importa que o agarremos. É que o entendimento ilustra, a sabedoria exalta, a educação cintila, a cortesia cativa e o sentido de Escola obriga. Razão tinha Carlyle, ao asseverar que “Great men [...] are profitable company”.

SENHORAS E SENHORES

O estilo é o homem. A seu modo, cada professor transmite o sinal do seu espírito à obra que constrói. Via de regra, na companhia de livros incontáveis e no meio de uma solidão quase infinita. Constituiria um deslocado cometimento, sem *captatio benevolentiae* possível, se me afoitasse agora a proceder a uma análise da obra que o Doutor Calvão da Silva legou ao presente e ao futuro.

Os dois domínios dilectos a que se dedicou Calvão da Silva foram o direito civil e o direito comercial. Respigarei apenas algumas ilustrações de um grande catálogo. Do contrato promessa ao cumprimento e sanção pecuniária compulsória. Da responsabilidade civil do produtor à compra e venda de coisas defeituosas. Das negociações preparatórias do contrato à contratação por cláusulas gerais. Da titulação de créditos à responsabilidade bancária por transferência de créditos. Da venda de bens de consumo à protecção do consumidor. Da OPA convencional obrigatória à OPA abusiva. Da *corporate governance* à responsabilidade civil dos administradores não executivos. Do conflito de interesses e abuso do direito nas sociedades à concentração de empresas e direito da concorrência. Enfim, muito reflectiu e muito escreveu Calvão da Silva. Quando o talento se põe em obra, ele aparece.

Não poucas vezes procuramos os frutos do nosso labor ingloriamente. Mas também, não poucas vezes, ao procurarmos os frutos nas árvores, não os conseguimos alcançar. Os ramos atiram-nos para longe sob a força irresistível de ventos poderosos. O pior é ter pela frente um combate sem tréguas com sonhos mortos ou com desejos arrefecidos ou amolentados.

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR
DO DOUTOR JOÃO CALVÃO DA SILVA

Nunca isso aconteceu com o Doutor João Calvão da Silva.

Experimentou as venturas amáveis de múltiplos sucessos. Sucesso como benquisto professor, com o florilégio de predicados que especialmente o recomendavam para essa missão. Sucesso como profícuo jurisconsulto e parecerista engenhoso. Sucesso como requestado juiz-árbitro, assumindo, inclusive, a Vice-Presidência do Centro de Arbitragem Comercial da Câmara do Comércio e Indústria Portuguesa. Sucesso como administrador nas diversas incursões que fez ao universo empresarial.

Ao longo de cerca de duas décadas, cruzou, sem cessar, os domínios da banca, dos seguros e dos transportes. De 1985 a 1992, envergou as vestes de Presidente da Comissão de Fiscalização da TAP Air Portugal. No arco temporal compreendido entre 1991 e 1998, vamos encontrar, em lances sucessivos, o Doutor João Calvão da Silva, na condição de administrador do Banco Totta e Açores, do Banco Crédito Predial Português e da SIC — Sociedade Independente de Comunicação. De 1998 a 2002, ocupou ainda o posto de membro do Conselho de Administração da Companhia de Seguros Global.

À luz dos domínios dilectos em que serviu, não causou admiração Calvão da Silva quando se afoitou, no quadro da Faculdade de Direito de Coimbra, ao lançamento, em 1998, do Instituto de Direito Bancário, da Bolsa e dos Seguros. Assumiu-se como seu timoneiro seguro, conduzindo-o, durante vinte anos, com inquebrantável entusiasmo e visível êxito. Debaixo da direcção de João Calvão da Silva, surgiu o muito concorrido Curso de Pós-Graduação em Direito Bancário, da Bolsa e dos Seguros.

Não desconheceu, dentro das suas plúrimas facetas, o Doutor Calvão da Silva o bulício do labor parlamentar. Disputou as eleições legislativas de 1 de Outubro de 1995 e foi eleito deputado à Assembleia da República. Apropositou-se-lhe então ensejo de integrar a Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias, a Comissão Eventual para a Revisão Constitucional e fez parte da Delegação Portuguesa à Assembleia Parlamentar da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa. A Assembleia da República elegeu também o Doutor Calvão da Silva para membro do Conselho Superior da Magistratura. Aí haveria de permanecer de 2005 a 2009.

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR
DO DOUTOR JOÃO CALVÃO DA SILVA

Em 2015, o Primeiro-Ministro Pedro Passos Coelho dirigiu ao então Presidente do Conselho Jurisdicional do Partido Social Democrata Calvão da Silva um convite para que ingressasse nas fileiras do xx Governo Constitucional, sobraçando a pasta do Ministério da Administração Interna. Calvão da Silva aceitou o repto, sem olhar à difícil circunstância política e à soberania absoluta do interesse pessoal.

SENHORAS E SENHORES

Na personalidade de João Calvão da Silva, avultava uma atitude virtuosa que, nos ambientes em que nos movemos, não tende a vicejar. Nunca se viu prisioneiro de uma egolaria exacerbada. Não espreitava as nesgas oportunistas para se elevar, nem olhava de soslaio os cometimentos alheios. Pelo contrário, congratulava-se com o bem dos outros. É a razão não se afigura de um intrigante vislumbre. É que Calvão da Silva era um homem confiante, inteiramente senhor de si próprio e do seu destino.

Mostrava-se Calvão da Silva adepto de um cativante culto de jovialidade. E, por que não sa-

lientá-lo, cultivando e oferecendo a si próprio um certo ar desportivo, tornava-se uma presença deveras interessante e, do mesmo passo, fomentava um convívio recheado de momentos alegres.

Exibia um sentido muito prático e descomplicado das coisas da vida. Nunca me pareceu dado a angústias inúteis. De golpe, enfrentava, sem receios e sem refúgios, os maiores problemas. Não raro, saltava habilmente sobre os obstáculos escorregadios que os caminhos árduos que escolheu percorrer lhe iam colocando.

Ninguém lia a idade de Calvão da Silva no seu rosto. Dir-se-ia que procurava escapar aos sulcos tirânicos do tempo. Como escreveu um dos nossos maiores escritores seiscentistas, a vida tem contra si a morte, a formosura, ainda antes da morte, tem contra si a mesma vida. Debaixo de uma implacável sentença definitiva, fenece aos pés do império do tempo. Num belíssimo apontamento, se alguém ousasse perguntar à formosura — como ensaiou o génio do mesmo escritor — qual lhe estaria melhor, se a morte ou a mudança, não suscitaria a mínima dúvida que havia de responder: “antes morta, que mudada”.

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR
DO DOUTOR JOÃO CALVÃO DA SILVA

O Doutor Calvão da Silva foi um homem inteiramente feliz. Felizes não logram ser aqueles que têm o melhor, mas os que retiram o melhor do que possuem. O fundamento decisivo pelo qual muitos não acham a felicidade radica em que a buscam onde ela não está. Calvão da Silva sabia encontrá-la e sabia conservá-la nas grandes e nas pequenas coisas. Desde a sua vida universitária até aos jogos da Associação Académica de Coimbra e da Selecção Nacional Portuguesa. Confidenciou-me que um dos gestos que lhe deram maior alegria foi ter levado os seus filhos à final do Campeonato da Europa, em Paris, que Portugal venceu. Portugal conquistou o Campeonato da Europa e Calvão da Silva ainda mais conquistou e arrebatou a admiração e o amor infrene dos seus filhos.

SENHORAS E SENHORES

Ninguém aprende a morrer. Os universitários estudam certamente muito. Os professores de Direito gostam de pôr regras em tudo e tudo pretendem disciplinar. Os filósofos, afeitos à meditação, reflectem nas profundezas das

grutas existenciais. Mas nenhum logrou oferecer uma pequena lição acerca do tema. E a razão não se afigura de um intrigante vislumbre. Pura e simplesmente, só se aprende a morrer, morrendo.

Coisa bem diferente é viver atormentado pela ideia da morte. Nunca constituiu assunto que fustigasse ou sequer inquietasse o ânimo de João Calvão da Silva. A coisa do mundo em que um homem livre menos pensa, sublinhou-o o grande Espinosa, é a morte e a sua *sagesse* não conduz à meditação da morte, mas da vida.

Ora, o Doutor João Calvão da Silva, observado por todos os ângulos que me foi dado observar, gostava da vida e gostava de viver. Não o conheci em circunstância alguma meditabundo ou sorumbático. Não pertencia ao círculo daqueles que se sentam em pedras musgosas à beira da estrada, olhando para trás em busca de tesouros perdidos. O essencial não é viver muito tempo, mas viver plenamente.

Numa hora de amargura, mas não com traços amargurados, abei-ro-me do fim do retrato do Doutor Calvão da Silva que esbocei para esta cerimónia. Espero que ele o esteja a

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR
DO DOUTOR JOÃO CALVÃO DA SILVA

espreitar de forma sorridente, ao mesmo jeito como no momento em que colocou olhos fitos, pela primeira vez, no quadro dele próprio que nos acompanha e nos contempla agora nesta cerimónia.

EXCELENTÍSSIMOS FAMILIARES
DO NOSSO DOUTOR JOÃO CALVÃO DA SILVA

EXCELENTÍSSIMAS AUTORIDADES

SENHORAS E SENHORES

Segundo o Eclesiastes, debaixo do céu, há momentos certos para tudo e um tempo certo para cada coisa, tempo para nascer e tempo para morrer.

Sei bem que o Doutor João Calvão da Silva não se importaria que eu colocasse na sua boca os impressionantes versos de Álvaro Feijó, dirigidos *ex alto* à sua devotada Família e à sua querida Faculdade de Direito de Coimbra. Recitou-os assim Calvão da Silva em tom carinhoso: “E, se me vires chegar ao cais dos céus / Ver-me-ás debruçado sobre as ondas para dizer-te adeus”. E repetiu, vezes sem conta, até que a sua voz se sumiu na

RUI DE FIGUEIREDO MARCOS

eternidade: “E se me vires chegar ao cais dos céus / Ver-me-ás debruçado sobre as ondas para dizer-te adeus”.

Que o Senhor lhe conceda a chegada venturosa ao cais dos céus e a Paz do seu esplendor, querido Doutor João Calvão da Silva.

É este o voto alado que, desta Capela de São Miguel da Universidade de Coimbra, sopra-mos, em unísono, para o céu.

Disse.

Capela da Universidade, em 21 de Março de 2018.